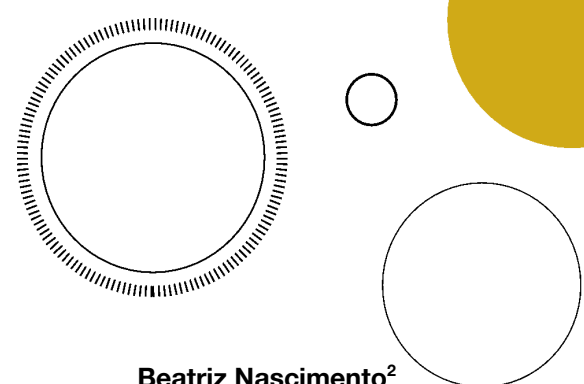


O RACISMO NA MÍDIA¹

Racism in the media

Racismo en los medios



Beatriz Nascimento²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14942

Dias atrás, após passar numa estação de TV o seriado Roots, observava uma criança preta assistindo na mesma estação o seriado Sítio do Picapau Amarelo. Num intervalo do programa abordei a criança, perguntando-lhe qual o personagem que ela mais gostava. Tinha em mente avaliar com ela a procedência de um tipo de programa como aquele, até que ponto ele era educativo. A criança preta enumerou quase todos os personagens, começando por Pedrinho, Narizinho, Emília, até o personagem João Carneiro. Com certa apreensão notei que ela não mencionara os personagens pretos Saci, Malazarte, Tio Barnabé, e, para meu desapontamento, a Tia Nastácia, um dos personagens centrais. Perguntei-lhe então: você não gosta de Tia Nastácia? Ela ficou meio embaraçada e disse: “ela tem medo de tudo, é meio boba”. Aparentemente não há nada de mais nessa observação, no entanto quero chamar atenção para este ponto. Passados alguns dias estive na escola dessa criança (como é regra geral, na escola ela é minoria). Estava lendo distraidamente os cartazes didáticos fixados na parede de uma das salas de aula da 4º classe. Por acaso deparei-me com um diálogo que fazia parte da fixação da matéria Comunicação e Expressão, ou seja, Português, a língua falada por brancos, pretos e índios

¹ Comunicação apresentada no painel Relações Inter-Raciais, promovido pela Casa de Cultura de Israel no Rio de Janeiro, com presença anunciada da historiadora e autora, do antropólogo Roberto DaMatta e do sociólogo Manuel Maurício de Albuquerque (Caderno B. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, segunda-feira, 04/06/1979).

² Historiadora, poeta, ativista do movimento negro. Doutora *honoris causa (in memoriam)* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021) e pela Universidade Federal Fluminense (2022).

no Brasil, fator de integração entre todos os povos que aqui habitam. No meio do diálogo que era entre Narizinho, Pedrinho e Emília tinha uma oração em negrito do autor que começava assim: “A negra, ainda tonta arregalou o olhos para a menina e com a expressão idiotizada respondeu...”, imediatamente reporteime à minha conversa com a criança que deve ter sido identificada, enquanto preta, com personagens de um seriado como este ou de um livro didático, tão carregados de expressões negativas. Ela fazia de conta que esses personagens não existiam porque, talvez não existam realmente na idealização que ela faz de sua própria imagem, do seu próprio grupo étnico.

No mesmo período, uma pessoa amiga me confidenciou que um seu sobrinho, menino branco, assistindo ao mesmo seriado, de repente corrigiu uma palavra dita pelo Tio Barnabé, dizendo irritado: “por que ele só fala errado?” e depois de alguns dias voltou-se para a tia e falou “já sei, Tio Barnabé fala errado igual a minha empregada, ele fala errado porque é preto.” Esta criança branca teve condições, mais do que a criança preta, de relacionar a fantasia veiculada pela TV com uma realidade dela, na medida em que ela é branca. Não teve dificuldade de estabelecer um nexo entre estes dois planos, e o fez sem prejuízos emocionais, reproduzindo exatamente o conceito estereotipado no mesmo nível que lhe é transmitido pela TV. Ficou tão conformado com isto quanto a criança preta. Mas enquanto esta para aceitar estereótipos teria que introjetar este conceito negativo, ela fez de conta que simplesmente estes personagens não existiam. Ela teve mais perdas emocionais, porque estes estereótipos se quer passam como sendo o próprio preto. Ou seja, aqueles seres sem mobilidade no tempo e no espaço real (Saci, Tio Barnabé, Malazarte e Tia Nastácia) fazem parte de uma realidade imóvel que não corresponde à realidade dessa criança, enquanto ser preto. O “preto” veiculado pela TV não é uma realidade histórica, social e individual que corresponde à vivência de todos os componentes do grupo

étnico a que pertence esta criança. São conceitos, ou melhor, pré-conceitos: tolo, dócil, servil, ignorante, medroso, falando errado.

A TV veicula uma ideologia aparentemente calcada num dado da realidade socioeconômica, que é o fato de grande parte dos pretos ainda hoje serem integrantes dos extratos sociais mais baixos da população. Entretanto, mesmo nestes segmentos sociais mais baixos, o indivíduo preto tem uma mobilidade interclasse. Todos os pretos não estão necessariamente nas profissões do setor de serviços, e nem todos são serviçais. Existem pretos operários, qualificados ou não, comerciários, funcionários públicos, profissionais liberais etc., e isto hoje como no passado. No passado tivemos pretos proprietários, políticos e também profissionais liberais, ao lado de artesãos livres e escravos. Portanto o preto que os meios de comunicação, desde a literatura até a TV, transmite só fazem parte de um segmento de classe e ainda assim referente a um passado histórico da sociedade brasileira. (Monteiro Lobato escreve sua obra nos primeiros anos deste século). Por que, por exemplo, esta mídia não veicula essas figuras do passado que participaram de fato de uma realidade socioeconômica e política? Será que desconhecem? E porque desconhecem? Somente para refletirmos: Por que a historiografia e a literatura esqueceram de registrar pelo menos os políticos pretos do final do 2º Reinado? Aqueles como Patrocínio, Rebouças, o jornalista Luís Gama e mesmo os mestiços como Bocaiúva, Torres Homem, Maciel da Costa. Porque estes homens perderam sua face original. Estes homens foram decisivos na realidade histórica em transformação daquele século. No entanto, perderam seu significado histórico e foram incorporados como políticos, que episodicamente apareceram na cena histórica e hoje só podem ser conhecidos por aqueles que pesquisam em arquivos.

Eu não gostaria de me expressar através destas figuras, porque pode-se pensar que estou caindo no mesmo diapasão da História oficial, que é escrita levando em conta os vencedores. Mas eu

raciocínio que se estes homens foram representantes da comunidade negra nos estratos mais altos da comunidade brasileira, demonstra que esta sociedade apesar de extremamente rígida no que tocava à mobilidade social devido ao regime escravagista, onde a divisão de classes era, grosso modo, escravos na base e senhores no topo do sistema, não pode ser compreendida monoliticamente. Nenhuma sociedade, mesmo aquelas organizadas segundo critérios tribais, pode ser considerada como um bloco único, sem flexibilidade, estática. Quanto mais uma sociedade complexa como a sociedade brasileira dos oitocentos.

A escravidão é vista como onipresente no sistema socioeconômico da época, mas ao lado desta escravidão conviveram outras formas de relações de produção, e eu nem vou falar nos quilombos. Esta divisão inflexível que nós estamos acostumados a fazer faz parte de modelos de análise empreendidos pelas ciências para uma melhor compreensão daquele mundo. Basta dizer, segundo Hasenbalg, que, “uma parcela majoritária da população de cor tinha uma experiência prévia na condição de livre quando houve a Abolição do Estatuto servil em 1888. Aos libertados pela Lei de 13 de maio de 1888 deve-se acrescentar aqueles libertados nos anos anteriores, e eu acrescentaria nos séculos anteriores, pois a possibilidade de os pretos se alforriarem no Brasil foi, segundo os cientistas da escravidão do Novo Mundo, uma particularidade do sistema brasileiro. Eu não estou querendo dizer que em termos de valor a escravidão no Brasil foi melhor ou pior. O que eu quero reforçar é que o recurso de serem livres conseguidos pelos pretos durante o regime escravagistas teriam contribuído para uma maior penetração dos pretos nos espaços sociais, até chegar ao ponto de serem integrantes da liderança nacional às vésperas da passagem para a República.

Em outra medida, homens livres e pretos, embora tenham permanecido em grande parte em ocupações que não estavam muito longe das do escravo, muitos entre eles puderam contribuir em

outros níveis. Para exemplificar, em 1821, antes da Independência, alguns pretos e mestiços faziam parte das Juntas Governativas que aqui se haviam instaurado, com a Revolução Constitucionalista portuguesa, principalmente na Bahia e em Pernambuco. Antônio Rebouças, pai de André Rebouças, foi um destes pretos.

Portanto não procede como explicação da mecânica das relações entre pretos e brancos no Brasil, a fixação de um modelo interpretativo, apoiado “na ideia de que a escravidão ainda hoje mantém sua herança discriminatória”, e devido a ele os pretos permanecem nos extratos mais baixos da população por não terem se ajustado ao novo sistema econômico, devido ao despreparo técnico em que se encontraria a massa de ex- escravos após 1888. Isto é um mito que a ciência forneceu ao próprio sistema.

Quando os próprios estudos científicos fundamentam que, as desigualdades inter- étnicas seriam o resultado de um “processo inacabado de mobilidade social por parte destes segmentos pretos e mestiços”, o que se pode esperar da ficção da TV, que só trabalha com mitos?

O aspecto que quero chegar após esta análise procurando uma explicação do porquê da cristalização dos pretos nos extratos sociais mais pobres da sociedade diz respeito à ideologia. Eu vejo a ideologia como responsável pelas distorções da realidade do passado e do presente.

Esses homens a que me referi, pretos e mestiços, líderes da comunidade brasileira nos séculos anteriores já viviam num mundo em que a ideologia do branqueamento determinava um projeto civilizatório, ela (ideologia) quer levar em conta que os povos e cor, negros e índios, não sejam considerados como formadores em todos os graus e todos os níveis da civilização brasileira. Esta tarefa ficou mais fácil, na medida em que muitos destes homens, assim como aqueles que não atingiram sua importância na sociedade do século passado, se miscigenaram ou, como em muitos casos,

empobreceram e seus descendentes não tiveram como manter sua história. Neste último caso específico, temos o exemplo do próprio Patrocínio, retirado da arena política devido à perseguição e banimentos que lhe impôs o governo de Floriano Peixoto. E depois empobrecido.

Texto concedido por Bethania Nascimento Freitas Gomes especialmente para essa edição. Extraído da obra: NASCIMENTO, Maria Beatriz. *O negro visto por ele mesmo – Ensaios, entrevistas e prosa*. Organização de Alex Ratts. São Paulo: UBU Editora, 2022. p. 41-46.

Para esta edição, o professor Alex Ratts (UFG) redigiu a seguinte nota: "No Brasil dos anos 1970, estudantes-militantes e intelectuais-ativistas forjaram os movimentos negros e por eles foram forjadas e forjados. Nesse conjunto, proveniente das classes populares, uma parte teve acesso e participação nos espaços acadêmicos. É o caso de Beatriz Nascimento, nascida em Aracaju (1942), migrada com a família para o Rio de Janeiro (1950), residente no subúrbio na Zona Norte da capital fluminense, que cursou história na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1967-1972) e em seguida passou a escrever sobre racismo e mulher negra, questões a partir das quais se desdobra a tratar do campo da imagem e da comunicação, com foco no cinema e na televisão. Beatriz Nascimento participa de circuitos acerca de filmes e séries, na imprensa comercial e na alternativa, a exemplo de *Compasso de Espera* de Antunes Filho que tem como protagonista um casal interracial de classe média interpretado por Zózimo Bulbul e René de Vielmond (*Jornal de Debates*, Rio de Janeiro, 25/04 a 02/06, 1976), ressaltando a exceção de raça, gênero e classe distanciada da maior parte da população brasileira e também da repercussão da série afro-americana *Roots (Raízes)*, originária do romance homônimo de Alex Haley (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05/06, 1978). Publica uma resenha densa e contundente sobre a representação estereotipada em termos de hipersexualização da mulher negra em *Xica da Silva* de Cacá Diegues (*Jornal Opinião*, 05/10/1976). É deste período, o artigo *O Racismo na mídia*, no qual aborda o impacto da edição televisiva do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* na subjetividade de crianças negras e brancas, muito antes de vir a público a relação de Monteiro Lobato, autor da obra, com as ideias de eugenia. Por quase duas décadas, se dedica ao tema dos quilombos brasileiros que leva para dois cursos de pós-graduação em História, iniciados ao mesmo tempo, em 1979: a especialização na Universidade Federal Fluminense e o mestrado, não concluído, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por ocasião da *Conferência Historiografia do Quilombo* proferida na Quinzena do Negro na USP, tem um longo encontro com a socióloga e cineasta Raquel Gerber que resulta no documentário *Orí* finalizado em 1989. Nos textos narrados na película, elabora a noção de transatlanticidade, pensando a diáspora africana no território brasileiro, sobretudo da área Congo-Angola. Em 1994, inicia o mestrado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo Muniz Sodré como orientador. Em um dos ensaios escritos à época – *Culturas em diálogo* – aponta o cinema, a tv e o vídeo como vetores audiovisuais – meio (mídia) – de encontro entre povos, assim como o mar Atlântico. Tendo a trajetória interrompida num contexto de feminicídio (1995), deixa um conjunto de ensaios, artigos, entrevistas e poemas que tocam mais ou menos diretamente os campos da imagem e da comunicação em perspectiva intelectual ativista e interseccional."